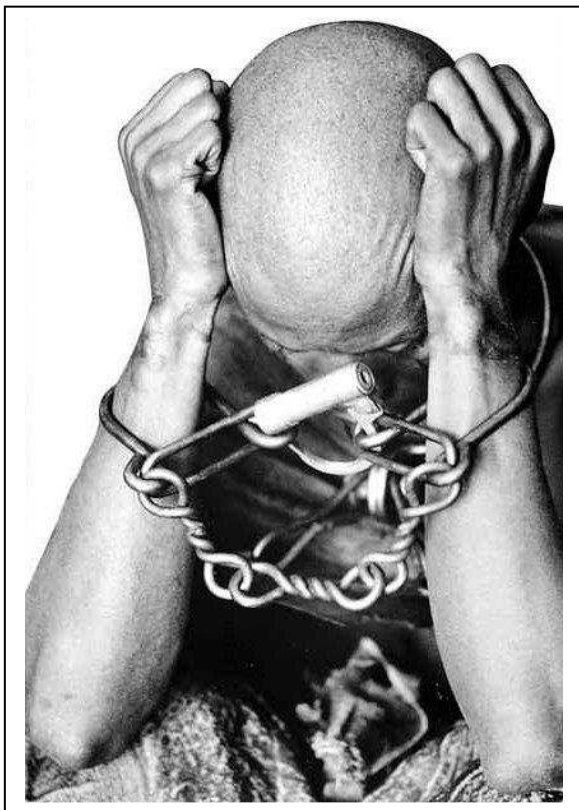


A IGNORÂNCIA QUE ESCRAVIZA



*“Portanto, o meu povo será levado cativo, **por falta de entendimento**; os seus nobres terão fome, e a sua multidão se secará de sede.” (Isaías 5:13)*

Se por um lado, o conhecimento da verdade nos liberta (cf. João 8:32), por outro lado, a ignorância – fruto do nosso obscurantismo intelectual – nos escraviza.

As comunidades evangélicas, de forma geral, vêm sofrendo nos últimos anos de um “analfabetismo bíblico” nunca visto antes. A Bíblia há muito tempo deixou de ser “parceira” nas horas vagas, a companhia nos momentos que antecedem o sono, a “refeição” degustada antes do café matinal como era habitual nas décadas passadas. A ela resta apenas permanecer “esquecida” junto aos demais livros da estante, “estacionada” na traseira do carro da família e só utilizada (se é que isso acontece)

aos domingos ou, se tiver sorte, pode ficar exposta e aberta diante de um aparador, com suas páginas já amareladas por causa dos efeitos da poeira e do tempo. A expressão “devocional diário” está apenas na mente de alguns poucos remanescentes de uma geração que um dia (bem distante do nosso tempo) foi chamada de “povo do ‘livro de capa preta’” ou, simplesmente, “os bíblias”. Atualmente se falar em “culto doméstico” para os mais jovens é utilizar um termo extremamente fossilizado e que precisa ser decodificado para que eles possam entender. E até mesmo para muitos daqueles que já não são mais jovens assim, o termo simboliza nada mais do que “comida farta no final da reunião”!

O resultado obtido em consequência desse analfabetismo bíblico é que temos cada vez mais crentes “anêmicos” – espiritualmente falando. São pessoas totalmente incapazes de discernir entre o certo e o errado. Com isso tornam-se presas fáceis para os líderes enganadores de plantão. E esses líderes, que se “alimentam” da ignorância alheia, fazem jus à lei da “oferta e procura”. Pois, se eles continuam a propagar esse festival de asneira teológica que presenciamos a todo o momento nas emissoras de TV, nas rádios e principalmente nas igrejas, é porque existem ouvidos “disponíveis” para absorver e até mesmo patrocinar toda essa avalanche de desatinos.

Alguns casos chegam a beira da insanidade mental, pois, como alguém em sã consciência se predispõe a utilizar um lenço encharcado de sudorese como sendo um amuleto místico e milagroso? Ou como

alguém que esteja com suas faculdades mentais em perfeito estado se submete a utilizar um pente, crendo que o mesmo servirá para “remover” os seus maus pensamentos? Ou ainda, como alguém pode conceber a idéia de que todos os seus problemas pessoais serão resolvidos se ele fizer um clamor no “interior do peixe” ou então se ele passar pela “gruta dos milagres” (ambos construídos por mãos humanas)!? E perceba que os exemplos que eu acabei de citar são considerados como sendo apenas a “ponta do *iceberg*” de toda essa problemática.

Infelizmente isso só acontece porque as pessoas que cometem tais “atos de fé” (ou seria de insanidade!?), foram escravizadas pela própria ignorância motivada pela falta de um conhecimento bíblico consistente dos princípios básicos da fé cristã (cf. Mateus 22:29). Essa escravidão mental parece sedar qualquer tipo de esforço intelectual que possa haver por parte delas. E toda essa situação atua dentro de um círculo vicioso sem solução aparente. Pois, se somente o conhecimento da verdade é que produz liberdade, como essas pessoas serão libertas se as mesmas não buscam o acesso a esse conhecimento?

O pior é que as pessoas até têm ciência de que estão presas, mas não fazem nada para serem libertas. Podemos constatar isso facilmente olhando para os nossos núcleos de ensino: os cultos de estudo bíblicos em muitas igrejas vivem “às moscas”, a escola dominical muitas vezes têm a participação de menos de 10% da membresia efetiva da igreja. A classe de discipulado não existe na maioria das comunidades, e a membresia assiste a tudo isso de forma apática, valorizando muito mais a experiência do que o conhecimento, afinal, segundo ela, “*a letra mata*”. Sendo assim, acabam criando uma fé epidérmica que se baseia apenas em sensações e na subjetividade de cada membro.

Vivemos em um mundo “tomado” pela tecnologia da **informação**, mas que não está produzindo nenhuma **formação**. Hoje, por causa do advento da *internet*, podemos assistir a um culto evangélico que acontece no Japão, estando nós sentados confortavelmente no sofá da nossa casa. Em algumas igrejas é possível até mesmo participar da “ceia do Senhor” de forma *online*. Para isso, basta apenas que o internauta celebrante tenha em mãos o fruto da vide. A ida a igreja deixou de ser necessária para muitos dos que se dizem cristãos. Até mesmo para ofertar não é mais necessário deslocar-se do seu lar aconchegante até um gasofiláceo mais próximo. Basta ao “membro” se cadastrar no *site* da “igreja”, imprimir o seu boleto bancário e pagá-lo através do serviço de *internet banking*. A *koinonia* (comunhão) está se tornando a cada dia mais uma verdadeira *ironia*. Temos trocado a **reflexão** pela **aceitação** passiva. Somos cristãos “domesticados” pela ambiência e pela passividade que nos cerca.

Nos cultos dominicais vespertinos, muitos não conseguem absorver metade do que é ministrado nos púlpitos. É claro que, nesse caso, faço uma ressalva... Afinal, em muitos casos a culpa não é da comunidade, mas, sim, do pregador que na maioria das vezes é desqualificado para a tal função e por isso, profere um discurso vazio, sem sentido, baseado apenas em verborragias do tipo “*eu me disse*” em vez de “*Deus me disse*”. Apesar de que, mesmo assim, se o pregador está falando asneiras no

púlpito, em vez de proclamar com clareza de propósitos a mensagem divina da Salvação, é porque alguém o colocou lá, tornando-se assim, um cúmplice do culpado e do desastre pré-anunciado.

Há aproximadamente 2766 anos Deus, através do profeta Oséias, proferiu algo que ainda ecoa fortemente nos dias atuais. E o teor dessas palavras se estabelece como se Deus acabasse de sair de um dos nossos muitos cultos tupiniquins e, através do profeta dissesse: “*O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento...*” (Oséias 4:6a). Creio que se esse mesmo profeta, estivesse ainda entre nós, seu discurso ainda não teria mudado.

Olha para a Palavra de Deus, percebo como estamos distantes da praticidade vivida pelos cristãos da igreja primitiva. Naquele tempo os líderes cristãos não abandonavam o estudo da Palavra para se envolverem apenas em assuntos secundários ou administrativos (cf. Atos 6:2); os cristãos leigos não ouviam o sermão de nenhum pregador – mesmo que fosse um apóstolo – sem conferir se o conteúdo do sermão ministrado estava de acordo com a Palavra (cf. Atos 17:11); pregadores como o apóstolo Paulo, não perdiam seu tempo contando piadas “santas” geradas por uma mente humana, não tão “santa” assim, para entreter e divertir o público, mas o contrário: pregavam a genuína Palavra de Deus que operava a fé nos seus ouvintes (cf. 1 Tessalonicenses 2:13); e mesmo quando estavam à beira da morte, não abriam mão de aprimorar o conhecimento que tinham Daquele que por eles havia morrido (cf. Filipenses 3:8; 2 Timóteo 4:13).

É necessário que se faça urgentemente, uma **reforma bíblica** na **reforma protestante**. Até mesmo entre líderes de renome da denominação batista – até então considerada por muitos como sendo o “berço” da inerrância bíblica e a “voz ativa” na defesa das Sagradas Escrituras – já ouvi algumas pérolas do tipo: “*Em Lucas 15:11, não era o filho que demonstrava ser pródigo, mas, sim, o pai; pois ‘pródigo’ significa ‘ser amoroso’*”, “*Jesus quando estava na terra era membro de uma igreja batista*”, “*Adão e Eva, antes de comer o fruto proibido, já haviam concebidos muitos filhos*”, “*Deus nos criou para que ocupássemos um lugar pertencente aos anjos caídos, e que ficou vago quando eles foram expulsos do Céu juntamente com Satanás*”, “*No Céu voaremos e seremos como fantasmas*”, “*Surpreenda Deus! Venha à igreja nos momentos que Deus estiver pensando que você não irá comparecer*”, “*Jesus pode ser comparado com medicamento genérico, pois, assim como o medicamento, Ele também está em qualquer lugar*” etc. Aqui faço outra ressalva: não estão criticando a denominação batista em si, até porque, faço parte dela; faço apenas uma analogia de alguns líderes da mesma.

Que o Senhor Jesus faça conosco como fez com os Seus discípulos quando “*lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras.*” (cf. Lucas 24:45). E que nós possamos nos livrar da ignorância que tem o poder de nos escravizar.

Soli Deo Gloria.